A Recolha de Dados

- Inquéritos Sociais
- Inquéritos aos Beneficiários
- Entrevistas individuais (parceiros e partes interessadas)
- Avaliação de prioridades
- *Focus Groups* (Grupos de discussão)
- Estudos de caso
- Avaliação local
- **Abordagens e métodos participativos**
- Utilização de dados de fontes secundárias
- Utilização de dados administrativos
- Técnicas de observação

Abordagens e Métodos Participativos

- Descrição da ferramenta
- O objectivo da ferramenta
- Circunstâncias em que se aplica
- Os principais passos da sua implementação
- Pontos fortes e limitações da abordagem
- Bibliografia
- Palavras-chave

Descrição da ferramenta

A monitorização e a avaliação participativas constituem um termo abrangente para um conjunto de novas abordagens que salientam a importância de ter em consideração as perspectivas da população local e de lhes dar mais voz no planeamento e na gestão do processo de avaliação. A população local, as organizações comunitárias, as ONGs e outras agências decidem em conjunto como medir os resultados e que acções devem ter seguimento, uma vez recolhida e analisada a informação. A ênfase no termo *participativo* vai para além da escolha de determinados métodos e técnicas, para alcançar um entendimento mais alargado de quem inicia e realiza o processo de avaliação e de quem aprende ou beneficia dos resultados. A literatura mais recente destaca o significado das atitudes e comportamentos (por parte do avaliador) como sendo parte integrante da abordagem participativa.

Embora a incidência tenha vindo a centrar-se em abordagens com base na comunidade, onde a população local é o principal foco de atenção, outras formas de monitorização e avaliação participativas são orientadas de modo a envolver técnicos a níveis inferiores na avaliação da eficácia da sua organização e no modo como poderá ser melhorada.

Já se atribuíram muitos rótulos diferentes às abordagens participativas, alguns com um longo historial no contexto do trabalho para o desenvolvimento no terceiro mundo. Estes incluem a aprendizagem e a acção participativas, a avaliação rural participativa, a avaliação rápida do ambiente urbano, a análise rápida rural, a pesquisa e avaliação da acção participativa. A técnica de *avaliação rápida* ou *análise rápida* foi desenvolvida nos anos 70 e 80 do século XX como um antídoto ou alternativa aos levantamentos em larga escala, que se entendia davam atenção insuficiente aos conhecimentos das populações locais. O método incentivava o envolvimento activo da população local nas actividades de recolha de dados com perspectivas e conhecimentos sobre as condições da área em questão, das suas tradições e estrutura social,

usando uma variedade de técnicas informais que podiam ser aplicadas num curto período de tempo. Há várias formas de *análise rápida* que ainda estão a ser usadas em contextos rurais e urbanos. O processo de *avaliação rápida*, por exemplo, consiste num questionário etnográfico intensivo baseado em equipas, que usa a triangulação e a recolha e a análise iterativa de dados para desenvolver rapidamente uma compreensão preliminar sobre determinada situação, de uma perspectiva de dentro. Num contexto de avaliação contemporâneo, as técnicas de avaliação rápida evoluíram para novas formas, tais como a *aprendizagem e a acção participativas*. Em vez de serem pessoas estranhas a procurarem compreender *os conhecimentos* da população local, a aprendizagem e acção participativas (AAP) tenta facilitar o desenvolvimento das *capacidades* da população local. A ênfase está na participação como um processo de aprendizagem sistémica associado à acção e à mudança. Um objectivo chave da avaliação participativa é melhorar o desenvolvimento das capacidades da comunidade e das organizações, fomentando a participação interactiva e a mobilização e a acção colectiva por iniciativa própria.

A monitorização e a avaliação participativas têm-se tornado prática corrente nos organismos internacionais para o desenvolvimento, tais como o Banco Mundial, e estão a ser aplicadas de forma crescente nos países industrializados do Norte, em sectores que incluem a avaliação ambiental, da saúde, da reabilitação urbana e dos serviços sociais. Estão a ser usados métodos não só para dar maior voz à população local – em especial, aos que são marginalizados – mas também para permitir às pessoas fazerem uma avaliação das suas próprias condições.

Entre os princípios comuns da monitorização e avaliação participativas, incluem-se os seguintes:

- ***Participação*** – abertura na concepção do processo, de forma a incluir os mais directamente afectados e dando aos beneficiários previstos a oportunidade de se pronunciarem sobre os impactos locais.
- ***Negociação*** – entre as diferentes partes interessadas para chegarem a acordo sobre o que vai ser submetido a monitorização e avaliação, como e quando os dados serão recolhidos e analisados, o que os dados realmente significam, como os resultados encontrados serão partilhados e quais as acções subsequentes.
- ***Aprendizagem*** – um enfoque sobre a aprendizagem cumulativa por parte de todos os participantes como a base para uma melhoria subsequente e uma acção sustentada. Esta acção inclui a construção ou o reforço de instituições locais, aumentando, assim, a capacidade de as pessoas tomarem iniciativas por si próprias.
- ***Flexibilidade*** – em adaptar a avaliação a um ambiente externo mais amplo e a um conjunto de condições e actores locais, à medida que estes factores se vão modificando ao longo do tempo.

Uma vasta gama de métodos participativos está em uso no terreno, muitos deles concebidos com vista a contextos de desenvolvimento no terceiro mundo e adaptados às novas necessidades e contextos. Estes foram categorizados por Pretty e Vodouhe em quatro classes principais: 1) dinâmicas de grupo e de equipa; 2) amostragem; 3) entrevistas e diálogo; e 4) visualização e diagramas. Outros métodos incluem inquéritos à comunidade e uma série de técnicas audiovisuais, incluindo contar histórias, teatro popular, canções e representações em *Photovoice*.

Existem métodos que consistem tipicamente na avaliação e na análise rápida (observação, entrevistas semi-estruturadas, *transectos*) e outros que são tipicamente métodos de aprendizagem e acção participativa (mapeamento participativo, elaboração de diagramas,

realização de comparações, etc.). Mas cada um pode ser usado de uma forma mais direccionada para a recolha de dados ou para a capacitação.

Os métodos relacionados com as *dinâmicas de grupo e de equipa* destinam-se a criar equipas interdisciplinares e intersectoriais eficazes, capazes de trabalhar em estreita ligação com a população local, de abordar uma situação a partir de múltiplas perspectivas e de negociar com as partes interessadas relevantes.

A *amostragem* recebe especial atenção nas abordagens participativas, de modo a assegurar que as múltiplas perspectivas estão representadas, incluindo as dos sectores mais pobres e desfavorecidos da comunidade. Os mecanismos de representatividade podem apresentar um retrato desajustado da diversidade comunitária. Entre os métodos usados nos contextos de desenvolvimento no terceiro mundo e que se podem facilmente adaptar a contextos rurais e urbanos em países mais industrializados, existem as entrevistas móveis (*transect walks)* e a observação directa, rankings de riqueza e mapas sociais. Estes provaram ser úteis para verificar se as perspectivas de muitos constituintes diferentes foram efectivamente incluídas no quadro de amostragem.

De entre os métodos participativos, dá-se particular destaque aos que fomentam um *diálogo sensível e de mútuo benefício*. A um nível individual, as entrevistas semi-estruturadas que parecem ser informais e que tomam a forma de conversa ajudam a reduzir a distância social entre o avaliador e o entrevistado; outros tipos de entrevistas podem ser combinadas em sequências e encadeamentos. Também existe um grande conjunto de técnicas destinadas a facilitar o diálogo e o envolvimento social e colectivo. Entre as muitas formas novas de envolvimento da população local no planeamento, na avaliação e na acção, existem: investigações futuras, mesas redondas, “mapas da freguesia”, equipas de cidadãos em aprendizagem, método de escolhas, planeamento real, “júris de cidadãos” e apreciações comunitárias.

A quarta categoria relativa à *elaboração de diagramas e à construção visual* envolve a animação de grupo e exercícios que facilitam a partilha de informação e a análise colectiva. Estes métodos mais criativos pretendem recorrer a conhecimentos e perspectivas locais, fazendo uso de categorias, critérios e símbolos que são relevantes e significativos para a população local. Muitos dos métodos são particularmente úteis para trabalhar com pessoas que não dominam a leitura ou escrita. O mapeamento e a modelização participativos, os perfis de actividade, os períodos cronológicos e as histórias locais, os diagramas de Venn e em rede, a matriz de classificação (*matrix scoring*) e a classificação ou comparação par-a-par (*pairwise ranking*), e a visualização guiada, são algumas das técnicas usadas nos contextos comunitários.

Uma aplicação em larga escala de uma abordagem participativa foi o desenvolvimento de Avaliações Participativas da Pobreza (APPs), em que os métodos participativos foram usados num processo que visava descrever e analisar as questões da pobreza em países ou distritos no seu todo. O Banco Mundial financiou uma série destas APPs num vasto número de países.

O objectivo da ferramenta

A monitorização e a avaliação participativas podem ser vistas como processos que ocorrem ao longo da avaliação, bem como um extenso conjunto de técnicas. Ao nível do processo, a abordagem participativa serve uma série de objectivos importantes:

- Cria confiança, empatia e entendimento entre as partes interessadas e mantém o avaliador aberto a múltiplas perspectivas, conhecimentos e influências.
- Assegura que as perspectivas e as realidades dos beneficiários-alvo do programa são correctamente reflectidas na avaliação.
- Permite que as diferentes partes interessadas e, em especial, aquelas cuja voz possa ser marginalizada, articulem e exponham as suas necessidades, interesses e expectativas, consigam resolver as diferenças que existem entre uns e outros e desenvolvam estratégias de longo prazo.
- Ao envolver activamente a população local na avaliação, fomenta-se um sentimento de pertença dos resultados da avaliação e aumenta-se as possibilidades de sustentabilidade das actividades do projecto.

Enquanto técnicas, a monitorização e a avaliação participativas servem para:

- aumentar a autenticidade dos resultados apurados pela avaliação que são localmente relevantes.
- ampliar os critérios e os indicadores para avaliar os efeitos e impactos do programa, através de formas de diálogo e de reflexão mais criativos e interactivos.
- aprofundar a análise dos resultados alcançados pelo programa, através de “descrições exaustivas” da realidade complexa que captam as perspectivas e as experiências pessoais da população.

Circunstâncias em que se aplica

Os métodos e as técnicas participativos são relevantes para uma vasta gama de sectores e intervenções, incluindo programas direccionados para a agricultura sustentável, os transportes urbanos, a educação e formação, a saúde, e o desenvolvimento e reabilitação rurais e urbanos. Verifica-se um crescente reconhecimento, nestes diferentes domínios políticos, de que o envolvimento da população local, no sentido da base para o topo, no processo de desenvolvimento (e avaliação), é crucial para atingir objectivos políticos gerais. O envolvimento, aqui, implica um compromisso activo da população e das agências locais que vai além da solicitação de pontos de vista dos indivíduos, implicando processos de diálogo interactivo, aprendizagem colectiva e acção conjunta.

A recente ênfase das intervenções e iniciativas dos Fundos Estruturais na devolução e descentralização tem vindo a aumentar a relevância dos métodos participativos. À medida que a responsabilidade sobre a implementação do programa se foi tornando mais localizada, baseada em diversas necessidades e prioridades das comunidades locais, há a necessidade de novos processos mais versáteis e mais devolvidos para fazer o rastreio e avaliar a mudança. O progresso já não pode ser avaliado com base em indicadores padrão, no sentido do topo para a base.

Os métodos participativos são especialmente importantes quando a realidade do programa não é entendida da mesma forma por quem implementa o programa e pelo público destinatário ou que beneficia dele. Muitos programas dos Fundos Estruturais incluem elementos que são dirigidos aos membros mais vulneráveis e marginalizados da comunidade, cujas necessidades e interesses possam não estar bem articulados. Os métodos participativos são úteis para incluir grupos, tais como desempregados de longa duração, jovens desafiliados e membros de minorias étnicas, cujas vozes nem sempre são ouvidas. O uso inovador de técnicas, como as

ferramentas visuais e com base em diagramas, o contar histórias e várias formas de mapeamento da comunidade pode ser um meio de dar voz a pessoas com um baixo nível de literacia e numeracia, ou um meio de ligação entre os diferenciais de poder.

Os métodos participativos são relevantes em todas as fases, desde a formulação inicial da política e avaliação do programa, passando pelas diferentes fases de avaliação, incluindo a *ex-ante*, implementação e melhoria do programa até à avaliação dos impactos numa fase *ex-post*. Uma análise da literatura sugere que a monitorização e a avaliação participativas são sobretudo usadas para a avaliação dos impactos e para a gestão do projecto. Mas também se verifica um uso crescente de métodos participativos com vista a novos objectivos, incluindo o reforço organizacional, a compreensão e a negociação das percepções das partes interessadas e a crescente responsabilização do público.

Os principais passos da sua implementação

Os métodos e as técnicas participativos são diversos e a sua aplicação varia de um contexto para outro, e de acordo com a fase em que se encontra a avaliação. Existem, no entanto, alguns princípios gerais que servem de orientação para o uso dos métodos participativos:

- Os métodos e as técnicas participativos tendem a não seguir um modelo ou um procedimento padrão. São usados de forma criativa e generativa, muitas vezes em conjunto. Os métodos usados são, frequentemente, considerados menos importantes do que as atitudes e convicções de quem leva a cabo a investigação.
- A triangulação, que usa uma série de métodos de diferentes disciplinas para comprovar a informação, é salientada, dada a natureza qualitativa dos dados.
- A formação dos investigadores pode ser necessária a todos os níveis, desde as comunidades locais aos níveis superiores de gestão. Tal como os conceitos e métodos, a formação tem de abordar igualmente questões relacionadas com comportamentos e atitudes, visto que estes são cruciais em qualquer processo participativo.
- Os avaliadores e investigadores funcionam, em primeiro lugar, como facilitadores em vez de funcionarem como colectores de dados. Têm de adoptar comportamentos e atitudes adequados, incluindo um apurado sentido de responsabilidade e de compromisso com vista à equidade e autonomização (*empowerment*).
- Com os métodos de análise rápida, é necessário manter um nível de eficiência em termos de tempo e de custos. O objectivo é reunir uma boa quantidade de informação – não encontrar mais do que o necessário, não avaliar com mais precisão do que a necessária, não tentar avaliar o que não tem de ser avaliado.

Pontos fortes e limitações da abordagem

Os métodos participativos pretendem lidar com questões de propriedade e controlo do conhecimento e atingir um entendimento claro ou um consenso entre os participantes no que respeita à forma como, por quem e de acordo com que critérios o programa deve ser avaliado.

A ênfase que os métodos participativos colocam sobre os inquéritos colectivos, a análise e reflexão sobre os resultados apurados, cria as condições para uma aprendizagem partilhada que permite passar para a acção e planeamento futuro. A atenção especial que se dá ao desenvolvimento das capacidades organizacionais e institucionais serve de base para o

desenvolvimento sustentável para além do ciclo de vida de um programa ou iniciativa em particular.

Os métodos participativos reconhecem a diversidade e a pluralidade dos pontos de vista e avaliam o conhecimento local juntamente com outras formas de conhecimento científico e técnico. Uma abordagem participativa terá maiores probabilidades de captar a complexidade e riqueza dos efeitos do programa através do uso de ferramentas e técnicas criativas e generativas do que com técnicas de avaliação padronizadas.

A valorização de conhecimentos locais, particularmente através do uso de medidas não estandardizadas, põe em causa conceitos estabelecidos sobre o que constitui uma recolha e uma análise rigorosa de dados. Os conceitos convencionais sobre a validade e a fiabilidade dos dados estão a ser questionados, à medida que os métodos se aplicam em novas combinatórias e os especialistas interagem cada vez mais com as populações locais. Adoptar métodos participativos requer a aceitação de níveis de credibilidade da informação novos, menos rígidos, e uma apreciação de quando a informação "é suficientemente boa" para a tarefa em mãos.

A linguagem retórica da participação e métodos participativos ofusca um elevado nível de ambiguidade em relação à natureza da participação e das suas diferentes formas. Em que medida se consegue atingir na prática permanece uma questão controversa. Pode ser difícil conseguir a participação local em secções mais afastadas da comunidade, e em particular conseguir envolvê-las genuinamente na análise e uso da informação.

É um desafio alargar o processo, especialmente nos casos em que a monitorização e a avaliação participativas estão a ser introduzidas em programas que não são, eles próprios, participativos. A experiência sugere que é aconselhável começar numa escala reduzida e criar oportunidades para testar abordagens participativas, antes de estas serem introduzidas de uma forma mais extensa. Este processo poderá ser facilitado se houver um "campeão de alto nível" que possa criar o espaço para a experimentação.

A avaliação e a monitorização participativas não são uma opção fácil. Dar abertura à avaliação a um vasto número de participantes pode criar e expor conflitos. É preciso tempo, recursos humanos e financeiros. Um processo participativo requer uma maior coordenação, esforço administrativo e um compromisso de longo prazo.

Os avaliadores e investigadores precisam de competências de facilitação, negociação e resolução de conflitos, bem como uma série de qualidades pessoais, atitudes e comportamentos adequados à avaliação como processo participado.

Bibliografia

DFID (1997), Participatory Monitoring and Evaluation Guidelines, Dissemination Note No.1, Social Development Division.

Gregory, A. (2000) *Problematising participation: a critical review of approaches to participation in evaluation theory*. Evaluation 6(2): 179-200

(1998) *Participatory monitoring and evaluation: Learning from change.* Institute of Development Studies Policy Briefing Issue 12

Holland, J. and Blackburn, J. (1998), Whose Voice: participatory research and policy change, Intermediate Technology Publications, London.

Larson, P. and Svendsen, D. (1997) Participatory Monitoring and Evaluation, World Wildlife Fund, Washington, DC.

(1998) *Participation Works. 21 techniques of community participation for the 21st century.* New Economics Foundation, with members of the UK Community Participation Network

Pretty, J. and Vodouhe, S. *Using rapid or participatory rural appraisal.*

Pretty, J., Guijt, I., Scoones, I. and Thompson, J. (1995) *A trainer's guide for participatory learning and action. B.* IIED

Pretty, J., Guijt, I., Thompson, J. and Scoones, I. (1995), 'Participatory Learning and Action', IIED Participatory Methodology Series, IIED, |London.

Slocum, R. et al. (1995), Power, Process and Participation: Tools for change, London: Intermediate Technology Publications.

Palavras-chave

- Avaliação local
- Autoavaliação
- Consulta às partes interessadas
- *Focus groups*
- Amostragem
- Triangulação
- Métodos de análise rápida